

[Preâmbulo para da legitimação da entrevista]

ENT. — O que representa para si o Projecto Curricular de Grupo?

SUJ. — Para mim o Projecto Curricular de Grupo é muito importante porque é como se fosse um fio condutor, algo a que nós podemos recorrer sempre que necessário, ou seja, não me sinto “um barco à deriva”. Tendo um Projecto Curricular de Grupo tenho algo que suporta as minhas ideias e aquilo que eu quero realizar com o grupo de crianças. Portanto sou completamente apologista de que se deve realizar o Projecto Curricular de Grupo, para estudar bem o grupo, para poder ter objectivos a concretizar a longo prazo ou a curto prazo. É basicamente isso. Acho que é mesmo muito importante e penso, no futuro, trabalhar desta forma.

ENT. — Que suportes e fundamentos teóricos considera fundamentais para a concepção do Projecto Curricular de Grupo?

SUJ. — Para já penso que há algo a que devemos recorrer sempre, seja para o Projecto Curricular de Grupo ou o que quer que seja, que são as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e até mesmo o livro “Qualidade e Projecto”. Esses dois livros foram essenciais para mim, enquanto em parceria com a minha colega de estágio, construí o Projecto Curricular de Grupo. Foram essenciais porque ali está a base para todo o resto. Depois, dependendo dos nossos objectivos, podemos, eventualmente, ir buscar outras teorias e outras bases, mas esta é sempre a que ninguém deixa de parte, é fundamental. Há outros autores que eu também gosto, como Vigotsky, que é uma referência teórica que eu gosto muito, tal como Gardner. Estes são aqueles que eu tento não me esquecer.

ENT. — Que aspectos considera imprescindíveis no Projecto Curricular de Grupo?

SUJ. — Deve conter uma boa revisão da literatura, uma boa fundamentação teórica, uma boa introdução, principalmente uma boa caracterização do grupo, uma avaliação, os objectivos, competências e uma caracterização da sala, penso que também é muito importante — dos vários espaços que podemos ter distribuídos. Fazer também a abordagem aos recursos que temos, quer materiais, quer humanos. No fundo, fazer uma abordagem um pouco de tudo para que fique estruturado e definido com quê se pode contar.

ENT. – Entrando agora na parte da entrevista que diz respeito à concepção/elaboração do Projecto Curricular de Grupo a questão é: qual foi o seu papel na concepção do Projecto Curricular de Grupo onde se encontra a desenvolver a Prática Pedagógica?

SUJ. – Este ano, tentámos chegar a um consenso com a educadora acerca do Projecto que iríamos realizar. Eu concordo com o que a educadora cooperante disse, que é, nós “caímos” ali na instituição e temos que nos adaptar aquilo que as pessoas trabalham. Nós não podemos chegar ali e querer fazer as coisas à nossa maneira. Como tal, é óbvio que não tivemos total liberdade para realizar o Projecto Curricular de Grupo, mas foi-nos dado um espaço para pudermos também criar, mas sempre em trabalho com a educadora. Tentámos sempre fazer o máximo com o aval dela e tem corrido tudo muito bem. Como a professora sabe, aquilo é tudo muito bem definido — à segunda feira temos a motricidade, são várias actividades, mas sempre naqueles dias e talvez isso tenha dificultado um pouco... não dificultado, mas, se calhar não deu tanta liberdade para nós conseguirmos seguir o Projecto como pensaríamos que seria. Lá está, estava tudo estipulado e nós sabemos que àquele dia... tivemos que fazer um plano, vá... digamos assim, para não nos esquecermos ou não nos perdermos no Projecto. Mas eu não senti assim grandes dificuldades, até porque tivemos bastante apoio por parte da educadora cooperante. Ela apoiou-nos bastante. Tivemos sempre o acompanhamento dela. Ela ia ajudando e reformulando. Reformulávamos com ela e aprendemos muito com ela por causa disso. Sempre com ela a ajudar-nos e a apoiar-nos.

ENT. — Que importância tem para si o facto de ter participado nesse processo de construção do Projecto Curricular de Grupo?

SUJ. — Teve muita importância porque é muito diferente... nós temos disciplinas que tocam estes aspectos, mas tão importante como termos a teoria para fazer, é “sentir na pele” o que é estar em projecto, o que é trabalhar em projecto. Neste caso, para mim foi muito gratificante, porque poder sentir, ver uma coisa que nós realizámos ali, escrita e vê-la acontecer na prática é algo muito mais gratificante porque significa que o nosso trabalho valeu a pena. Não é só estar a fazer por fazer — este ano senti isso. Senti muito isso. Senti também que as crianças estavam muito envolvidas. Como nós estamos a seguir o Projecto, não é algo que cai ali, há um desenrolar, uma articulação entre as coisas. Se não houver projecto pode-se correr o risco de não haver articulação e até provocar desmotivação nas crianças. Desta forma, elas estão constantemente a ser motivadas para aquele Projecto e vê-se na cara deles, vê-se nas ideias que eles nos passam. Aprendemos imenso com as

crianças e elas connosco. Estamos ali todos com o mesmo objectivo — aprender e trabalhar para aquele Projecto. Eu senti que foi mesmo muito bom para mim, até porque para o ano, se eu “passar” e conseguir ser educadora já tenho “outras luzes”, tenho uma pequenina bagagem, mas já é algo para mim, para saber como fazer e como se procede. Portanto acho que foi óptimo.

ENT. — Que dúvidas ou dificuldades sentiu nesta fase de elaboração do Projecto Curricular de Grupo?

SUJ. — Ora bem, dúvidas, dúvidas a este nível...pronto...quando nós estávamos a fazer o Projecto havia partes que nos suscitavam mais dúvidas, porque estávamos a fazer o Projecto sempre com o apoio da educadora cooperante e suportado pelas suas opiniões. O que acontece é que quando nós idealizamos um Projecto ele é nosso e nós sabemos quais são os nossos objectivos, já sabemos mais ou menos aquilo que pretendemos. Neste caso, como foi um Projecto e conjunto o que me suscitou um pouco mais de dificuldades é que os meus objectivos poderiam não ser os mesmos da educadora. Foi mais ou menos por aí que me surgiram algumas dificuldades — não sabia se estava a ir no caminho certo —, porque de resto não senti dificuldade. A educadora deu-nos toda a informação para a caracterização do grupo e da sala, disponibilizou-nos toda a informação, portanto não foi assim muito complicado nessa parte, foi mais a questão dos objectivos a atingir.

ENT. — Como é que esclareceu as dúvidas ou dificuldades que sentiu?

SUJ. — Pois, como eu não sabia tinha de falar com a educadora cooperante para tentar perceber qual era o real objectivo dela. Também lhe dizia quais os objectivos que tinha e posteriormente voltava a esclarecer se era realmente aquele o desencadeamento que ela queria. Então depois, foi juntar os dela com os nossos e formar um produto final que agradasse a ambas as partes. Foi mais ou menos isso.

ENT. — Dos conhecimentos anteriormente adquiridos quais os que mais a ajudaram neste processo?

SUJ. — A disciplina de Teoria e Desenvolvimento Curricular (TDC) e a disciplina de Construção e Avaliação de Projectos Educativos foram as que mais ajudaram. TDC deu-nos as luzes para aquilo que é a definição, digamos assim, para as perguntas, as tais perguntas que temos que fazer: o quê? porquê?, o problema — isso tudo foram as bases que nos deram a TDC. Depois Construção e Avaliação de Projectos Educativos foi muito

importante também para nos motivar e nos dar toda a informação que nós precisávamos. E talvez os Seminários de Supervisão I e II. Sim, sim, sem dúvida, acho que sim.

ENT. — Qual tem sido o seu papel na operacionalização e avaliação do Projecto Curricular de Grupo onde se encontra a desenvolver a prática pedagógica?

SUJ. — O meu papel... ora bem... sinto-me como se fizesse parte daquele Projecto e acho que isso já quer dizer alguma coisa. Não tenho um papel fundamental, ou, se calhar, até tenho. Se calhar temos todos, não é? Mas o que eu estou a querer dizer é que a educadora que está na sala é que está “acima” do projecto e nós somos como se fossemos as “vices”. Eu sinto-me como uma “vice”, uma “vice” a realizar um Projecto. Sinto-me bem! Sinto-me optimamente bem, muito bem — não sei como explicar de outra forma.

ENT. — Nesse caso, qual é a margem de liberdade que lhe é dada na execução do Projecto Curricular de Grupo?

SUJ. — É assim, como lá tudo é feito como um trabalho de equipa muito grande, a margem que nos é dada é...acho que está bem distribuída, porque é um pouco por todos, não tudo concentrado num só. Então ali é assim: como nós planificamos com a educadora para uma actividade e a outra sala planifica com a sua educadora para outra actividade, acabamos todas por planificar o que todas planificamos, ou seja, acabamos todas por trabalhar o mesmo nesse aspecto. Lá está, está bem distribuído, está bem conseguido dessa forma. Portanto, a liberdade que eu tenho, que eu sinto, acho que deve ser a mesma que as minhas colegas sentem. Eu sinto que está correcto, sinto que está bem. Poderia haver um pouco mais de liberdade, mas dado que é um trabalho de equipa e não um trabalho por sala, mas sim por instituição, eu acho que é a margem suficiente, que se justifica para o tipo de trabalho que desenvolvemos.

ENT. — Então quais são os aspectos em que sente menos dificuldade ao por em prática o Projecto Curricular de Grupo?

SUJ. — Eu acho que é em motivar as crianças, é na relação com as crianças — é aí que eu sinto menos dificuldade. Eu penso que a motivação...quando as crianças são motivadas, sente-se nelas uma vontade tão grande, que qualquer coisa se torna fácil de fazer com elas, porque basta que estejam “por dentro” que queiram fazer mais, que apresentem ideias... e quando reparamos já temos que fazer ajustes no projecto porque já surgiu outra coisa. Então é aí que eu sinto menos dificuldade, porque eu adoro isso. Tudo o que parta deles,

para mim é o melhor. Eu prefiro mil vezes seguir as propostas das crianças do que chegar à sala e dizer, por exemplo, “vamos fazer um vaso, hoje”. Eu prefiro que as crianças me digam “não vamos fazer uma flor”, e então pronto, “vamos fazer uma flor”! De modo que talvez seja essa a parte em que eu sinto menos dificuldade, porque é realmente o que eu mais gosto.

ENT. — E quais são os aspectos em que sente mais dificuldade?

SUJ. — Os aspectos em que sinto mais dificuldades...no projecto temos que tentar “tocar” todas as áreas e há áreas e há algumas em que eu, sinceramente, sinto mais dificuldades, do que noutras. Então sinto que ainda tenho algo a aprender. Algo...para não dizer, muito a aprender. Então, como não me sinto totalmente à vontade com essas áreas, o que é que acontece? O meu trabalho nunca pode ser tão bom porque eu estou sempre nervosa. Por exemplo, a dança educativa é uma delas – eu já vou nervosa e chego lá e não me sinto tão à vontade como nas outras actividades. Então sinto que o trabalho não é tão produtivo. Eu sinto isso. Às vezes a educadora cooperante diz: “*não, é impressão tua!*”, mas eu sinto isso, eu sinto que ainda podia ser melhor. Eu estou sempre com medo. Eu tenho medo. Estou sempre com medo porque não me sinto à vontade, fico sempre ...parece que não sou eu, fico sempre presa a alguma coisa. Portanto, onde eu sinto mais dificuldade, neste caso, não é numa área, mas sim numa actividade — a dança educativa —, aí eu sinto dificuldade. Na música também sentia alguma dificuldade porque requer uma grande capacidade de concentração da parte das crianças para conseguirem estar com os instrumentos e ao mesmo tempo concentrados a fazer o que nós estamos a dizer. Então, motivá-los e mantê-los concentrados é um pouco difícil e aí também senti algumas dificuldades. De resto... Na parte da expressão plástica não senti dificuldades, até porque o ano passado trabalhávamos basicamente a expressão plástica. É também o que eu ouço as minhas colegas dizerem, que o que mais fazem é a plástica. Talvez daí as minhas dificuldades estejam mais centradas na música e na dança, porque trabalhei tanto essa área e tão pouco estas, daí que agora me vão surgindo estas dúvidas.

ENT. — E dos conhecimentos adquiridos durante o curso, quais são aqueles que acha que mais contribuíram / ajudaram para este processo?

SUJ. — Primeiro que tudo, o que mais me ajudou foi o erro, sem dúvida nenhuma. No 1º e 2º anos nós sentimos um pouco... não é revolta, o termo, mas é só teoria, só teoria e nós não percebemos... Só quando chegamos à prática é que percebemos que aquilo tudo faz

sentido. Quando estamos nessas aulas teóricas pensamos que “aquilo” não nos vai servir de nada e perguntamos. “mas, porque tenho isto?”. Só quando chegamos ao terceiro ano é que percebemos as verdadeiras necessidades e aquele “arquivo morto” deixa de “estar morto” porque temos de ir rever tudo outra vez, temos de ir lá buscar tudo e tudo passa a fazer sentido. Mas, este curso, mal eu cá cheguei, no 1º ano, senti que é uma sensibilização, uma sensibilização para o que é ser educador. A maior parte das pessoas que vem para cá, incluindo eu, pensa que vai cuidar de crianças ou pouco mais que isso, mas nunca pensa que é um trabalho quase igual ao de um professor, que tem de planificar, de organizar, de gerir. Então, no 1º ano foi o que eu senti, uma forte sensibilização. Aliás, senti isso por parte de todos os professores, sempre essa forte preocupação de nos sensibilizar para a importância desta profissão. No 2º ano, já foi “levar” um pouco dessa bagagem e no 3º ano foi o culminar, foi o sentir que tudo era assim. No 3º ano eu senti muitas dificuldades em adaptar-me, no início, porque foi a 1ª vez eu nunca tinha estado com aquelas crianças, nem fazia sequer a menor ideia do que era um dia no Jardim de Infância. Eu não sabia mesmo e senti algumas dificuldades em adaptar-me. Mas fui entrando no ritmo e penso que esse é o decorrer natural das coisas, chega-se ao 4º ano e vai-se evoluindo. Com o que aprendemos no 3º ano vamos corrigindo os erros. Mas, fundamentalmente, os erros foram, sem dúvida, aquilo que me fez crescer mais, porque eu errava e tinha de saber porque é que errava, tinha de perceber o porquê, o que é que aconteceu — são as tais questões, o educador tem que estar sempre a questionar, é inevitável.

ENT — Considera que a possibilidade que teve de co-construir o Projecto Curricular de Grupo, bem como a possibilidade de o pôr em prática e avaliar terá contribuído para a construção de competências profissionais?

SUJ. — Claro que sim, claro que contribuiu, porque competências profissionais...é óbvio que contribuiu porque eu nunca tinha posto em prática nada desse género, foi a primeira vez que eu pus em prática logo, algo que é desconhecido e que passa a ser conhecido por nós, à partida, já terá que contribuir, mais que não seja, a nível pessoal. Mas sem dúvida que contribuiu muito porque o Projecto Curricular de Grupo fez com que eu me apercebesse da importância que tem...eu não me queria estar a repetir, mas no fundo é guiar-me, saber o que tenho — isso foi o que eu mais senti. Eu penso que agora era impossível trabalhar de outra maneira, eu não conseguia! Não conseguia! Não conseguia trabalhar de outra maneira. Não conseguia, ou então, achar-me-ia uma incompetente, porque andar ali por andar também não vale a pena. Isto acho que já é muito importante —

o facto de eu ter posto o Projecto em prática —, eu apercebi-me logo que era impossível eu trabalhar de outra forma. Como as competências, lá está, a responsabilidade do profissional — o profissional tem que ter sentido de responsabilidade porque tem aquelas crianças todas... e o Projecto Curricular de Grupo também significa isso, significa uma responsabilidade que nós temos. Porque se nós temos ali aquelas crianças, temos que fazer um bom trabalho, elas dependem de nós e se não temos as coisas bem organizadas e bem geridas, se não assumimos esse papel responsável o trabalho nunca pode ser produtivo. Então eu acho que essa competência para mim foi muito importante, eu conseguir adquirir essa responsabilidade e ter noção do quão importante é essa responsabilidade, esse compromisso. Isso foi o que eu senti.

ENT — Que outras competências profissionais pensa que desenvolveu?

SUJ — A pesquisar, a reflectir, pôr as ideias em ordem, estruturar... mas principalmente com a pesquisa, só com essa pesquisa já adquiri muitas competências que não tinha anteriormente, porque foram informações novas que eu não tinha acerca daquilo que estava a pensar desenvolver. Só por isso já adquiri conhecimentos novos. Portanto, ter a responsabilidade, reflectir, pesquisar, motivar — é importante saber motivar porque não vale de nada ter um projecto se não conseguirmos motivar as crianças.

ENT — E em termos de acção com as crianças?

SUJ. — Em termos de acção com o grupo consegui aprender também o respeito que devemos ter pelas ideias dos outros, ou seja, temos que estar abertos a novas ideias e temos de aceitar o facto de que não somos detentores do saber, ou seja, estamos a aprender. Isto também foi uma coisa que eu aprendi, que podemos aprender sempre mais do que aquilo que já aprendemos, não se finda, não se acaba. Também a saber valorizar, a valorização. O gerir também é importante porque não basta só ter ideias e aceitar as dos outros é importante saber geri-las. Observar também é muito importante e ainda há pouco não mencionei, mas foi outra das dificuldades que senti foi na observação — conseguir observar todos e não só um grupo —, tive que perceber que isso é importante. A avaliação também porque se não tivermos uma boa capacidade de observação como é que conseguimos fazer uma boa avaliação?

ENT — A entrevista chegou ao fim. Quer acrescentar algo ao que já disse.

SUJ. — Não, penso que disse tudo.

ENT — Então, resta-me agradecer-lhe mais uma vez. Muito obrigada.